



A caminho da unanimidade, que sempre é burra! (1)

CAETANO RIPOLI

A partir deste artigo reproduzirei uma peça que, por incompetência minha, jamais teria condições de escrever. Mas assino embaixo! Para mim é a melhor síntese que se fez sobre o perfil e comportamento do presidente da República atual. Em mais dois outros conseguirei reproduzir, na totalidade, o que o engenheiro Gilberto Geraldo Garbi, graduado como um dos melhores alunos que já passaram pelo ITA (Instituto Tecnológico de Aeronáutica), escreveu:

“Há poucos dias, a imprensa anunciou amplamente que, segundo as últimas pesquisas de opinião, Lula bateu de novo seus recordes anteriores de popularidade e chegou a 84% de avaliação positiva. É, realmente, algo ‘nunca antes visto nesse país’, e eu fiquei me perguntando o que poderemos esperar das próximas consultas populares. Lembro-me que quando Lula chegou aos 70% achei que ele jamais bateria Hitler, a quem, em seu auge, a cultíssima Alemanha chegara a conceder 82% de aprovação.

Mas eu estava enganado: nosso operário-presidente já deixou para trás o psicopata de bigodinho e hoje só deve estar perdendo para Fidel Castro e para aquele tiranete caricato da Coréia do Norte, cujo nome jamais me interessei em guardar. Mas Lula tem uma vantagem sobre os dois ditadores: aqui as pesquisas refletem verdadeiramente o que o povo pensa, enquanto em Cuba e na Coréia do Norte as pesquisas de opinião lembram o que se dizia dos plebiscitos portugueses durante a ditadura lusi-

tana: “sim, Salazar fica; não, Salazar não sai; brancos e nulos sendo contados a favor do governo”.

Portanto, a popularidade de Lula ainda tem espaço para crescer, para empregar essa expressão surrada e pedante, mas adorada pelos economistas. E faltam apenas cerca de 16% para que Lula possa, com suas habituais presunção e imodéstia, anunciar ao mundo que obteve a unanimidade dos brasileiros em torno de seu nome, superando até Jesus Cristo ou outras celebridades menores que jamais conseguiram livrar-se de alguma oposição...

Sim, faltam apenas 16%, mas eu tenho uma péssima notícia a dar a seu hipertrofiado ego: pode tirar o cavalinho da chuva, “cumpanhero”, porque de 99,9999995% você não passa.

Como você não é muito chegado em aritmética, exceto nos cálculos rudimentares dos percentuais sobre os orçamentos dos ministérios que você entrega aos partidos que constituem sua base de sustentação no Congresso, explico melhor: o Brasil tem 200 milhões de habitantes, um dos quais sou eu. Represento, portanto, um em 200 milhões, ou seja, 0,0000005%, enquanto os demais brasileiros totalizam os restantes 99,9999995%. Esses, talvez você possa conquistar, em todo ou em parte. Mas meus humildes 0,0000005% você jamais terá, porque não há força neste ou em outros mundos, nem todo o dinheiro com que você tem comprado votos e apoios nos aterros sanitários da política brasileira, não há, repito, força capaz de mudar minha convicção de que você foi o pior dentre todos os presi-

dentes que tive a infelicidade de ver comandando o Brasil em meus 65 anos de vida.

E minha convicção fundamenta-se em um fato simples: desde minha adolescência, quando comecei a me dar conta das desgraças brasileiras e a identificar suas causas, convenci-me de que na raiz de tudo está a mentalidade dominante no Brasil, essa mentalidade dos que valorizam a esportividade e o sucesso a qualquer custo; dos que detestam o trabalho e o estudo; dos que buscam o acesso ao patrimônio público para proveito pessoal; dos que almejam os cabides de emprego, as sinecuras e os cargos fantasmas; dos que criam infindáveis dinastias nepotistas nos órgãos públicos; dos que desprezam a justiça desde que a injustiça lhes seja vantajosa; dos que só reclamam dos privilégios por não estarem incluídos entre os privilegiados; dos que enriquecem por meio dos negócios sujos com o Estado; dos que vendem seus votos por uma camiseta, um sanduíche ou, como agora, uma Bolsa-Família; dos que são de tal forma ignorantes e alienados que se deixam iludir pelas prostitutas da política e beijam-lhes as mãos por receber de volta algumas migalhas do muito que lhes vem sendo roubado desde as origens dos tempos; dos que são incapazes de discernir, comover-se e indignar-se diante de infâmias”.
(continua)

TOMAZ CAETANO CANNAM RÍPOLI é professor titular do Departamento de Engenharia Rural da Esalq/USP (Escola Superior de Agricultura Luiz de Queiroz/Universidade de São Paulo)